

A inserção poética do quimbundo no romance *Luanda Beira Bahia*

Olivia Barradas

Professora de Teoria literária, de Literatura comparada e de Semiótica na UFRJ

Membro do PEN Clube, da UBE e da Academia Nacional de Letras e Artes

E-mail: olle@uol.com.br

Recebido em: 07/08 /2015.

Aprovado em: 16/10/2015.

Resumo: Neste texto dois eixos se interligam: mostrar a importância da participação do escritor Adonias Filho no Congresso das Comunidades de Cultura Portuguesa, em Moçambique, o que lhe permitiu coletar vocábulos do quimbundo, por ele utilizados na produção do romance *Luanda Beira Bahia* –, prestigiando, assim, uma língua banto falada nas então colônias Angola (em Luanda e Malange) e Moçambique; para melhor compreensão do romance apresentação de um glossário com a tradução dos termos do quimbundo inseridos pelo referido autor, na obra em questão; uma história de amor incestuoso.

Palavras-chave: Adonias Filho. *Luanda Beira Bahia*. Quimbundo. Incesto.

The poetic insertion of Kimbundu in the novel *Luanda Beira Bahia*

Abstract: In this text, two axes are interlinked: showing the importance of the participation of the writer Adonias Filho in the congress of the communities of Portuguese culture in Mozambique, which allowed him to collect words from Kimbundu, which he used in the production of the novel *Luanda Beira Bahia* –, thus praising a Bantu language spoken in the then colonies of Angola (in Luanda and Malange) and Mozambique; better understanding of the novel presentation of a glossary with the translation of the terms of Kimbundu inserted by the author in the work in question; a story of incestuous love.

Keywords: Adonias Filho. *Luanda Beira Bahia*. Kimbundu. Incest.

1 Introdução

Justa e louvável é a organização deste congresso comemorativo do centenário do escritor, jornalista, romancista, ensaísta, crítico literário, tradutor e dramaturgo Adonias Filho. (1915-1990). Aproveitamos o ensejo para agradecer ao Prof. Fernando José Reis de Oliveira que soube organizá-lo, com competência, envidando todos os esforços e vencendo todos os obstáculos e dificuldades. o convite para dele participar. A fim de homenagear o escritor baiano, propomos uma releitura do romance *Luanda, Beira e Bahia*, obra-prima da Literatura Brasileira, inspirada na viagem que o autor empreendeu a Angola e a Moçambique, a convite do Prof. Adriano Moreira, ex-Ministro de Ultramar, fundador e Presidente da União das Comunidades de Cultura Portuguesa, entidade não-oficial, para participar do II Congresso das aludidas Comunidades, de 13 a 23 de julho de 1967.

Foram também convidados para o referido congresso cerca de 88 renomados intelectuais brasileiros, parlamentares, jornalistas, homens de negócios, banqueiros, os professores da USP, Antônio Augusto Soares Amora e Eurípedes Simões de Paula, além de professores da PUC/São Paulo, da UFRJ, Celso Cunha e membros da Academia Brasileira de Letras, Adonias Filho, Pedro Calmon, Josué Montello, Viana Moog, Estiveram também presentes Ovídio Gouveia da Cunha, Deputado Cunha Bueno e as Sras Condessa Pereira Carneiro e Lucy Bloch

As únicas remanescentes deste Congresso, residentes no Rio de Janeiro, a Sra. Ângela Cunha e sua filha Ângela Maria Cunha da Motta Telles, como assistentes do aludido Congresso, relataram-nos fatos sobre o Congresso realizado no luxuoso navio Príncipe Perfeito. Nessa viagem, Adonias Filho atravessou os mares do Oceano Atlântico e do Índico, voando do Rio de Janeiro a Luanda, cidade portuária e, atualmente, capital de Angola, tendo ido também à cidade de Lourenço Marques, hoje, Maputo (Moçambique) – onde foi instalado o II Congresso (flutuante) das Comunidades de Cultura Portuguesa, – além da Cidade de Beira e à Ilha de Moçambique. Aproveitou a ocasião para registrar 30 vocábulos do quimbundo, topônimos, substantivos próprios e comuns africanos da linguagem oral das comunidades visitadas ao identificar as afinidades raciais

e culturais daqueles povos lusófonos para posterior produção e, ao mesmo tempo, registrou dados documentais da vida daqueles povos. Dessa fértil coleta, de volta ao Brasil, o referido escritor produziu um dos mais significativos romances, *Luanda Beira Bahia*. Tal romance oferece várias possibilidades de exegeses. Além da engenhosa estruturação da narrativa e da poeticidade da linguagem, desvela horizontes para o criativo encontro entre povos irmãos “[...] separados de nós por grandes distâncias físicas, porém próximos de nós pelas formas de cultura.” (FREYRE, 1959).

Foi, pois, o conhecimento empírico auferido da realidade, auferido através dessa visita que lhe despertou o interesse para construir essa narrativa: é a vida dando subsídios à criação. Aliás, esta é a tese central da sua ficção, conforme já explicitara no livro de crítica *O romance de 30* onde ele diz que sua literatura se serve de uma espécie de documento, a fim de colaborar na compreensão do país e de sua gente. Como já comenta Adonias a respeito da sua concepção de romance: “A obra de um intelectual tem sempre um pé na realidade. Mas a imaginação do escritor a transfigura. [...] Em verdade, trata-se da mimese aristotélica em que à realidade é acrescentada a imaginação criadora.” (PÓLVORA, 1990).

Ao renovar a tradição, a obra em foco, à semelhança de uma literatura de viagem tema recorrente nas Literaturas Portuguesa e Brasileira constitui também uma expressão romanesca tendo o mar como leit-motiv articulador. De fato, de posse de tal instrumental linguístico, com ele construiu o romance *Luanda Beira Bahia* (1971). Introduziu-o, adequadamente, na estrutura da obra, como se fosse uma continuação, sem choques nem estranhamentos dos falares daqueles territórios distantes, e, antes, paradoxalmente, tão próximos do universo baiano. Com esses termos não encontrados em dicionários de língua portuguesa publicados no Brasil, ampliou-se o vocabulário do português utilizado em textos da nossa Literatura. Por conseguinte, o romance em foco foi tecido de maneira criativa e pode ser considerado um espaço textual de afrontamento de linguagens, ou seja, uma fraterna interlocução, entre culturas e etnias, engendrando uma escrita inaugural, além da engenhosa estruturação.

Na verdade, toda a obra deste consagrado autor baiano monta um amplo painel de brasilidade, painel que, no entanto, se vai abrindo para a amplidão do universal. Após a Trilogia do cacau *Servos da morte* (1946), *Memórias de Lázaro* (1952) e *Corpo vivo* (1962)

onde a ação se passa na zona do cacau, região do sul da Bahia, e *O forte* (1965) situado em Salvador, Adonias amplia, na obra em estudo, os limites do espaço romanesco e desloca o foco narrativo para a vida à beira-mar, interligando o Brasil (Ilhéus e Salvador) à África (Luanda e Moçambique).

Antecipando, na Literatura Brasileira, o atual olhar de múltiplas perspectivas supranacionais, Adonias Filho articulou a efabulação de *Luanda Beira Bahia* fora do eurocentrismo. Já na década de 70, propôs uma poética oriunda de outras fronteiras. Assim, assumiu o fluxo da diversidade, a memória ancestral daqueles povos marcados pelo colonialismo cultural. No aludido romance, Adonias traz à luz a atmosfera híbrida de etnias, ao empreender, ao mesmo tempo, a circulação e a coexistência de três horizontes em rica interação, sem priorizar um espaço geográfico em detrimento do outro.

Desse modo, o romance demonstra a visão cosmopolita do autor fora dos signos coloniais e dos paradigmas metropolitanos luso-brasileiros. Em síntese, ele poetizou o diverso, valorizando culturas à margem, através de novos atores. No entanto, na comunicação que ora propomos neste Congresso, que consiste em apresentar um glossário de vocábulos do quimbundo utilizados por Adonias acreditando com isso possibilitar melhor compreensão do romance, direcionaremos o enfoque para o plano linguístico, cerne, aqui, do nosso propósito.

Em Angola, mais de 2/3 da população têm como língua materna uma das línguas bantos, o que significa tratar-se de um país plurilíngue. Nos casos de êxodo rural para maiores centros, no interior das famílias, porém, tais línguas de origem são faladas ainda numa segunda geração, (SÃO VICENTE. s/d) presença simultânea do idioma português com essas línguas locais, oriundas do banto, promoveu alterações nos níveis lexical, morfológico e sintático. Tal fenômeno de alternância de códigos com a introdução de termos e expressões, e até mesmo em virtude dos mecanismos gramaticais da língua oficial, é verificado nas línguas quimbundo, quicongo e umbundo na cidade de Luanda, _local em que se passa parte do mencionado romance, assim como ocorre em Benguela. Huambo e outras localidades. Os aludidos 2/3 da população angolana falantes das línguas bantos tiveram acesso à escola, na qual o português é ensinado como norma padrão europeia. Assim o português é utilizado tanto para a comunicação oral como para a escrita, inclusive

em textos oficiais. No confronto de duas línguas, o aparente predomínio de uma delas é, em princípio, possibilitado pela supremacia sociocultural ou pela superioridade numérica, o que é, no entanto, motivo de polêmica.

Em determinado momento histórico, o idioma pode ser o símbolo e a defesa da unidade do grupo. Sabe-se que as marcas raciais são hereditárias, enquanto a língua, o português, por exemplo, pode ser falada por mais de um povo, assim como um povo, é o caso do suíço, pode expressar-se por intermédio de mais de um idioma. Portanto é necessário, antes de examinarmos a questão dos vocábulos do quimbundo, que tracemos uma panorâmica da situação da língua em Angola e do contexto social daquele povo.

A colonização portuguesa em Angola durou quase 500 anos: de 1482 a 1975, incluindo nesse período 14 anos de luta de libertação nacional, de 1961 a 1975. Após o período de descolonização na África, questionou-se a continuidade da língua metropolitana. Surge, então, uma língua literária de Angola já nação, catalisando marcas nacionais, fundamento importante para o seu desenvolvimento econômico, político e cultural. O português é a língua oficial em Angola falada pela maioria da população. Em Angola, as principais línguas nacionais são: o umbundo, quimcongô, fiote, tchokwe, n'ganguela e qunhama. Outras línguas não-oficiais e bastante faladas são de origem banto, além das mencionadas quimbundo e quicongo, também o ovimbundo, o lunda, ganguela, leitchaze e ovampo. O bochimano e todos os dialetos daí provenientes são falados no sul, por uma pequeníssima minoria, junto ao rio Cunene. Tramitou em Angola a discussão de um projeto de integração das línguas nativas no sistema de ensino nacional, segundo informação do vice-cônsul daquele País no Rio de Janeiro, Dr. João Diogo Fortunato.

É consabido que a língua constitui um dos fatores responsáveis para formar uma nação e funciona como veículo de transmissão dos valores culturais. Angola, ainda cenário de várias etnias que se expressam por meio de múltiplos idiomas, continua uma só nação. O idioma português devido à sua maior penetração no território angolano, contribuiu para integrar o País internamente, para minimizar divergências étnicas e para unificar e promover a libertação dos povos conquistados. Para falas no rádio e cartazes de propaganda em prol da sua vitória política, foi decidido a utilização do português e não das línguas e dialetos nativos. Contudo, as línguas bantos de

Angola permanecem localizadas regionalmente.

O umbundo representa um grupo linguístico que congrega diversas comunidades étnicas, tais como: os huambos, os bienes, os bailundos, e outros. No caso dessas diferenças dialetais serem fortemente marcadas só uma língua literária possibilitaria a compreensão e o intercâmbio entre os diversos segmentos do povo. A maior parte dos falantes do português encontra-se nas cidades maiores e em seus arredores, ocupando as províncias de Luanda, Huambo, complexo sociocultural ovimbundo considerado como o majoritário de Angola, Benguela, Malanje habitada por diversos grupos etnolinguísticos de sociedades ditas primitivas tais como quimbundo, bengalas, bendos, songos e gingas, ao norte. Outros grupos Porto Amboim e Quibala, citados em *Luanda Beira Bahia*, Namibe, Huila. Cuando, Cubango, essas duas terras “coutadas”, isto é, reservadas para gado, equinos e bovinos e onde a caça é proibida, Bié e Moxico, capital Luena cujos vasos são também mencionados no romance, reflete-se em outras províncias, tais como: Bengo, Cuanza Norte e Lundas. Paradoxalmente, o Português, levado pelos colonizadores para a África, transformou-se na língua oficial, exercendo um papel importante na libertação de Angola, por articular-se como fator de unidade nacional. 42% da população com idade de 15 anos ou superior sabem ler e escrever.

Quanto à literatura angolana sob forma escrita, ela se consolida apenas no século XIX, e, como literatura oral, é bem mais antiga, origina-se nos primórdios da própria comunicação humana.

Quanto ao romance *Luanda Beira Bahia*, o escritor Adonias Filho, ao recolher para sua obra termos ouvidos em Angola e em Moçambique, promoveu, com eficaz mestria, a passagem da oralidade à forma escrita, de uma língua banto para o seio da língua portuguesa, alargando, assim, os limites desta. O aludido romancista, assim procedendo, estabelece liames entre a Literatura Brasileira e a Angolana. Nesta última há escritores que preferem expressar-se em Português sem alterações da norma europeia, promovendo a inserção de termos percebidos no discurso dos falantes. Na verdade, a língua, como sistema, é a mesma em todo o mundo lusófono com naturais variações de norma e de uso, situadas apenas no espaço da *parole* (ato de fala).

Assim, conforme já se afirmou, no romance *Luanda Beira Bahia*, a inserção dos vocábulos africanos da família banto promoveu um enriquecimento na Literatura Brasileira, não provocando, contudo,

alterações radicais na estrutura linguística, nem nas formas gramaticais de nosso idioma. A significação dos vocábulos que apresentamos adiante foi encontrada em *Falares africanos na Bahia* de Yeda Pessoa de Castro, assim como no glossário da *Antologia de contos* de Oscar Ribas intitulada *Misoso (Lendas e contos infantis)*, na Casa de Angola, em Salvador e no *Dicionário do quimbundo Português*, on-line. Também recolhemos pertinentes informações acerca da atualidade semântica dos referidos vocábulos com o Dr. João Vítor Fortunato, Vice-Cônsul de Angola, no Rio de Janeiro, na época da 1ª versão deste texto.

Antes de passarmos ao estudo dos vocábulos do quimbundo utilizados por Adonias filho, faremos uma apresentação panorâmica do romance. Já o título sonoro, poético, ritmado de *Luanda Beira Bahia* congrega por meio de três topônimos, dois continentes, três cidades do mundo lusófono, roteiro daquela viagem de Adonias Filho, no nível do real, que o inspirou a criar através da ficção recriando, através da ficção, a história dos personagens João Joanes que, na África passou a se chamar Vicar e Caúla, seu filho, em consequentes idas e vindas deste, da Bahia para Beira e para Luanda e de lá para o início do périplo, Ilhéus, impelidos os dois, pela atração do mar e pelo fatalismo, a viver uma trágica história de amor.

Uma segunda leitura do título se nos fixarmos no nível semântico seria: Luanda beira (do verbo beirar) Bahia, por suas semelhanças, reportando-nos àquela teoria de que, em tempos ancestrais, o Brasil se desprende da África, haja vista o recorte das duas costas de Angola e do Brasil que se encaixam. A colocação dos três topônimos *Luanda Beira Bahia*, no mesmo nível, remete a três povos presentes no romance ilustrando, portanto, a equivalência das raças, a idêntica sensibilidade entre nações bem como a cordialidade entre os povos lusófonos brasileiro e africano, assim, já se depreendem do próprio título do livro, índices relevantes para esta chave de abordagem. Os três territórios — *Luanda Beira Bahia* — estão significativamente colocados emparelhados, em sinal de igualdade — uma das características do Multiculturalismo, o que é expressivo e comprova o caráter não discriminativo do autor em face de outras manifestações étnico-culturais. Há ainda outro aspecto a ser lido no título, sintomático para a confirmação do que se deseja desenvolver: Luanda e Beira antecedem à menção à Bahia, sendo esta a síntese dos dois, tornando-se elemento congregador, com a narrativa iniciada em Ilhéus e terminada circularmente no mesmo local.

Através destes detalhes, aparentemente casuais para um leitor desavisado, embora relevantes para a proposta desta análise, nota-se que o autor com tais artifícios subliminares firma um compromisso valorativo com aquelas localidades, distantes, mas próximas pelos laços da língua e costumes. É importante que se diga que à época em que a mencionada obra foi publicada, no início da década de 70, os dois territórios africanos não se encontravam politicamente emancipados.

A independência de Angola e de Moçambique só se concretizou em 1975. O fato de o romancista haver inserido poética e democraticamente em seu romance vocábulos do quimbundo, do falar local, durante o período colonial, revela nítida intenção de prestigiar a oralidade e a cultura popular daqueles futuros países africanos. É justamente por intermédio de um membro da Academia Brasileira de Letras. Vinda da “cultura letrada,” e em um momento no qual o eurocentrismo dominava as instâncias do saber, a inserção de tais vocábulos, estranhos à oficial língua portuguesa falada no Brasil, ganha muito mais força. Isento de preconceitos e hierarquias, já a partir da harmônica configuração do próprio título, Adonias Filho conferiu prestígio literário àquela língua africana, o quimbundo, uma das línguas banto. É a criação artística, navegando entre paragens longínquas para de lá trazer o húmum linguístico e étnico, a fim de fecundar o português.

Pelo respeito à diversidade com a interativa interlocução entre falares e visões de mundos diferentes, mais uma vez, comprova-se que *Luanda Beira Bahia* é uma obra original. Inovadora, traz marcas da Modernidade ao interagir naquele espaço circulante do “entre-dois” a que se refere Roland Barthes, ao longo de sua obra, *De fato*, em várias instâncias, o dialogismo cultural do “entre-dois” dá-se a ler em *Luanda Beira Bahia*. E o romancista o fez de modo consciente, pois, em que pese ter sido convidado pela União das Comunidades de Cultura Portuguesa, posicionou-se e transgrediu os limites linguísticos do idioma oficial da Metrópole, ao inserir vocábulos do quimbundo, ao interligar os três continentes – Brasil, Europa e África – e o passado ao futuro.

2 Resumo de *Luanda Beira Bahia*

O romance se constitui das múltiplas peripécias, apresentadas por meio de *flashes-back* que constroem a trama, configurada por um ir-e-vir, aglutinando tempos e espaços que se cruzam, se gestam e se completam. Isso exige que primeiro se faça, sucintamente, um resumo da história dos personagens, para compreensão do romance como um todo. No primeiro percurso da narrativa, o arrojado marinheiro João Joanes deixa, em Ilhéus, Morena, sua mulher, com seu filho Caúla, sob a guarda de seu amigo Pé-de-Vento, e parte para Salvador, com a promessa de voltar. Tal como Penélope à espera de Ulisses, cansada de procurá-lo e aguardá-lo durante dez anos, ela morre. Antes, tentando evitar a ida de Caúla garoto, também para o mar, partida similar à do pai, sua mãe colocara o menino para trabalhar de sapateiro. Após a morte de Morena, sua mãe, ele decide ir para Salvador. Lá, vem a saber que seu pai, João Joanes, sofrera uma traição, sendo envolvido com o tráfico de diamantes, por terem colocado um saco desse material precioso em sua bagagem. Receoso de a polícia vir a prendê-lo, sentiu-se obrigado a fugir para a África, passando por percalços até Luanda, onde, mudando de nome para Vicar, conheceu Corina Mulele, com quem tem uma filha, Iuta. De novo, o marinheiro desaparece, como fizera, em Ilhéus. A mulher morre de febre.

Em um núcleo narrativo paralelo, em Salvador, com Conceição do Carmo, neta da mãe Filomena, tem sua iniciação sexual e por ela se apaixona. Ao retornar de Ilhéus flagra a traição da mulher. Desesperado, tomado por paixão, decide ir para mais longe no Bailundo, cargueiro de nome banto, que trafegava para a África. Parte em busca do pai, análogo a Telêmaco, filho de Ulisses. Em Beira, ama Maria do Mar liricamente banhados pelas águas do oceano.

Em Luanda, encontra Iuta, com quem tem afinidade, e desta união ela engravida. Voltando para Ilhéus, ao chegar à sua casa com Iuta, encontram João Joanes que, em Luanda mudara o nome para Vicar. Os jovens descobrem ser aquele homem, o pai de ambos. Diante do amor incestuoso dos próprios filhos, João Joanes/Vicar atira neles e também se mata. Pé-de-Vento, seu fiel amigo desde os primeiros tempos, é chamado e corta a jindiba, árvore testemunha da vida da infausta família e dela fez três caixões.

Constata-se logo nessa história uma projeção do Brasil sobre a África lusófona, na medida em que os personagens da fábula, João Joanes e, posteriormente seu filho Caúla, empreendem viagem iniciada na Bahia, — de Ilhéus a Salvador — deslocando-se, em seguida, para Moçambique e Angola. Vários territórios de culturas — distintas, porém de influência lusitana — interagem na configuração de um contexto, no qual a diversidade se congemma no universo de língua portuguesa.

No Português falado no Brasil, há varias vocábulos oriundas do banto: moleca, quilombo, senzala, mucama, molambo, esmolambado, esmolambento, dendê, dendezeiro e muitas outras. Em alguns casos, a palavra banto passou a ser mais usada do que a portuguesa: Cochilar em vez de dormir, carimbo em vez de sinete, moringa por bilha, corcunda por gimba, caçula por benjamim. E mais outros vocábulos poderão ser acrescentados.

Assim, no romance *Luanda Beira Bahia*, a inserção poética dos vocábulos do quimbundo, promoveu um enriquecimento na Literatura Brasileira, não provocando, contudo, alterações radicais na estrutura linguística, nem das formas gramaticais de nosso idioma. Tais vocábulos, porém, não se presentificam em todos os dicionários da língua portuguesa publicados no Brasil.

Após tais considerações, apreciemos, agora, através da leitura, os trechos em que Adonias emprega uma série de vocábulos do quimbundo, que conferiram originalidade à língua utilizada no romance *Luanda Beira Bahia*, movendo-se com eficácia poética na interligação de duas literaturas lusófonas. A seguir, apresentamos, em ordem alfabética, os vocábulos do quimbundo. Os números remetem às páginas da edição de Glossário do Quimbundo:

Bendos: Instrumentos musicais

Cabinda (banto): Região quicongo do Noroeste de Angola de fala fiote

Os vasos cabindas e luenas, cabeças deformadas de sobas como tampas adquiriram vida. (p. 157).

Cacimbo: nevoeiro, garoa, sereno, relento. Dança popular, em Umbundo. Segundo Oscar Ribas. *Misoso. Literatura tradicional angolana*. 1º vol. 1979, cacimbo significa estação de frio, caracterizada por densos nevoeiros mormente de noite, no inverno tropical (de 15 de maio a 15 de agosto).

Mesmo no cacimbo quando o orvalho esfriava as noites, ele não

cortava as andanças. (p. 123).

Embondeiros ou imbondeiros: essência. Esta árvore, também denominada [...] baobabe é de grande porte, mesmo a maior dentre os vegetais, tendo, por isso, recebido o epíteto de gigante da selva.

Deitam-se muitas vezes na terra e dormem debaixo dos embondeiros parte da noite com o mormaço e o silêncio. (p. 51)

Euê: Saudação a Ossaim. Segundo Oscar Ribas, interjeição designativa de surpresa ridícula: Ih! Ora vejam, que coisa esquisita!.

E quanta coisa acontecera _euê_ Luanda como um palco, a mãe e o pai dentro dele como em um inferno (euê, menina! Os olhos morrerão um dia, mas aquelas imagens entrarão comigo no reino de Deus (p. 55).

O vento do mar, de um lado. E, de outro, o vento da selva. Era fácil distinguir os dois, euê. (p. 56)

Euê, Iuta foi assim. (p. 62)

Euê, que ida! [...] Euê, Iuta e como fazia a mãe, exclamou (p. 156)

N´Gomas: tambor comprido, aproximadamente de 1,50 m feito de cipó desmiolado de mafumeira adelgaçado em uma extremidade que fica aberta e, na outra extremidade vedado com pele de veado ou corça.

Jimambas: Búzios pequenos, coisas, bugigangas.

As divindades negras, à noite, enchem Luanda de mistério. Longe, de todos os lados, chegam os sons dos bendos, gomas e jimambas. (p. 155-156)

N´Guzo: Força, axé, vigor; força nos homens:

As quiandas, sereias que moram nas águas do mar, ajudam nessa preparação dos desejos.

Kalulu: caruru

Pescador daquelas bandas segura o tubarão na linha de cinco anzóis, deixa o bicho saltar na flor da água, "e um exercício que abre a fome para o kalulu e o jogo (112)

Luando: Espécie de esteira; Entre a camada humilde de Angola, constitui o luando econômica e prática dormida. Como objeto de simples repouso, quer para assento, quer mesmo para leito, utiliza-o toda mulher de panos. E todas essas criaturas ainda dele fazem mesa para refeições em dias solenes [...] Funciona também como colchão e proporciona bem-estar.

Fechada a barra

O luando aquecia-se no mormaço e Iuta ficava deitada com sua preguiça. (p. 65)

Estenda-se no luando com a preguiça a lhe fechar os olhos. (p. 67)

Luenas: Capital da província de Moxico

Mafumeira: Árvore frondosa africana, de cujo tronco se fazem pirogas e produtora de frutos que contém pelos sedosos e brancos, o kapoc (capoco)_ semelhante ao algodão. Segundo Oscar Ribas, atinge 30ms de altura. Pela sua brandura é o caule aproveitado por escavação para o fabrico de canoas. Da penugem do fruto faz-se o recheio de colchões e almofadas.

Bonitas de ver, fora as tardes cheias de luz, eram as árvores gigantes que tinham escuridão na sombra e mafumeira se chamavam. (p. 62)

Mulemba: gameleiras ou figueiras brancas consideradas árvores sagradas. Segundo Oscar Ribas, atinge 25ms de altura, copa volumosa, hemisférica, muito ramificada.

Bom como um santo, muito feliz por descobrir para mim os caminhos de Angola, preso à selva como as mulembas. (p. 65)

Mabelas: Palmeira

As choupanas surgiram e, no gramado, entre as palmeiras mabelas, no campo esquerdo, sobressaiu uma casinha de barro escuro. (p. 139)

Malufo: Vinho do sumo do caju ou da seiva da matebeira, palmeira.

Corina Mulele trazia o malufo de caju, aquele vinho forte, na bandeja de pau. (p. 123)

Detinham-se, ao encontrar os bares, para beber vinho de caju, o malufo. (p. 123)

E, porque provocada sede e fome, bebem-se todos os vinhos e cervejas, malufo e quimbombo, come-se farinha de musseque com puco. (p. 156)

Massemba: Bailado angolano caracterizado por sembas (umbigadas)

Musseque: Terreno arenoso, situado fora da orla marítima em planalto. Nos antigos musseques de Angola, a vegetação que predominava era o cajueiro e a mandiocqueira esta constituindo , pela indústria da farinha, a primacial fonte de vida de seus habitantes. Às vezes, mangueira e o monstruoso embondeiro.

Fogo das estrelas mais forte que a luz nos musseques. Aí, o casario anão em labirintos, plantados sem ordem como em todas as favelas, os negros ainda respiram a selva. (p. 52-53)

Conhecia muita gente, negros dos musseques e dos mercados, e para eles uma senhora de posse. (p. 65)

Mulheres se ofereciam nas portas de cabarés de onde escorriam músicas de musseque. (p. 149)

Puco: toupeira, rato silvestre. A sua carne é utilizada. Vendem assados.

come-se farinha do musseque com puco. (p. 156)

Puita: Instrumento musical feito de um tronco oco, Zabumba.

Homem diferente, os braços fortes, as mãos pesadas, a voz dura como o som de um tambor, a puita, que alegrava a aldeia nas noites de massemba. (p. 60)

As quiandas escutariam as puitas, correriam o quilombo e a uala que eram boas cervejas de milho, a cantoria até de madrugada. (p. 136)

Quiandas: sereias.

negras tão lindas são que as quiandas _ as sereias de Luanda _ estremeçam de ciúme no fundo do mar. (p. 53)

Não se pode olhar em torno _ as praias e as ilhas _ sem que se admita seja uma quianda o coqueiro ou a própria areia cor de leite. Tudo, em verdade, o de ser uma quianda, mesmo a torre da Fortaleza de São Miguel, mesmo o elevador de um arranha-céu, e por isso Luanda _ do mar a Quiçamã, é uma região encantada. O povo, em línguas quimbundo e umbundo, avisa isso todos os dias. Pertence do mar como Beira e Bahia. (p. 53)

E ainda hoje, para Zuan, o menino negro que ajudava na cozinha de bordo, ele é um filho das quiandas, nascido homem [...] E possível que Zuan tenha razão, Filho, um filho das quiandas! (p. 70)

Quianda da Beira de cabelos acinzentados e olhos verdes, pelo escura de sol e sal. (p. 137)

Quimbanda: Exorcista, mago. Por extensão, médico, benzedeiro. Restabelece a harmonia conjugal. Concede poderes para o domínio do amor

O quimbanda é curandeiro, adivinho e benzedeira. Benzeu a aldeia e, de porta em porta, anunciou que alguém chegaria. (p. 59-60)

Os negros pareciam em festa e contentes porque o quimbanda acertara. (p. 50)

Estrelas baixas, ventos maneiros, vinhos e comidas, as divindades atuam sem medo dos quimbandas. (156)

Pequena multidão em frente e, porque havia respeito e mistério, Caúla pensou que ali morasse um quimbanda. Morasse um benzedor, adivinho, feiticeiro. (p. 139)

Quimbombo : Bebida afermentada de milho mais forte que o quitoto.

E porque provocam sede e fome, bebem-se todos os vinhos e cervejas, malufu e quimbombo, come-se farinha de musseque com pucu. (p. 139)

Quimbundo: Língua de Luanda do planalto central de Angola cuja área linguística se estende pelas regiões de Bengo, Malanje, e Kuanza Norte.

O povo, em línguas quimbundo e umbundo, avisa isso todos os dias. (p. 53)

Aprendera o quimbundo bastante para se entender com os negros. Foi nessa língua que se ofereceu para defender a aldeia quando, chegando, soube da invasão do leopardo. (p. 59)

Quimengueno: Ter relações sexuais.

Quimengueno, fraqueza nas mulheres. (p. 156)

Quindas: cestas regionais angolanas.

Vejo-me a descer a escadinha de bordo, assustada com o barulho do cais, Joana Dé me ajudando a carregar as quindas. (p. 64)

Quissondes: formigão avermelhado, de mordedura dolorosa. Indica mau presságio.

Antes que alcançasse o porto, no beco sem calçamento, vendo as quissondes em fila, empurrando Caúla, a mola preveniu. (p. 156)

Riu-se Caúla, africaninha cheia de credices, formigas anunciando desgraça, quissondes. (p. 156-157)

Quitoto: Resíduos de bebida afermentada de milho, mais fraca que o quimbombo.

As mãos na caneca de barro, adorava beber o quitoto, a cerveja de milho que punha alegria no coração (p. 57).

Ali estava, redonda de gordura, sentada no almofadão, a mão na caneca cheia de quitoto. (p. 58).

A mãe sentada no almofadão, bebendo o quitoto, embrutecida pela indolência. (p. 62).

Soba: chefe de tribo na África. Chefe de família.

a mãe não saía nunca, sempre no almofadão, negra de luxo que parecia mulher de um soba. (58). Os vasos cabindas e luenas, cabeças deformadas de sobas como tampas, adquiririam vida. (p. 157)

Uala ou ualá: Tecido branco que encobre e protege Oxalá em aparições públicas rituais; sonho.

O uala, a melhor cerveja de milho de Angola. (p. 59)

Umbundo: Uma das línguas veiculares de Angola, falada pelo povo Ovimbundo, concentrado na região do antigo reino de Benguela. (CASTRO, 347) e, segundo Oscar Ribas, na zona

meridional e central de Angola.

Xê: Designativo de chamamento

Xê, mocinha, alguma coisa? (p. 58)

Além desses substantivos comuns encontram-se registrados no romance em estudo nomes próprios tais como Andulo, Cacolo, Mavinga, Mussende, Porto Amboim, o Gabela, Maianga (antigo bairro de Luanda, na parte baixa. Designa também espíritos de caçadores e rituais de evocação de espíritos), Cajiri, o ferreiro, Capulo, o conhecedor dos caminhos, assim como os sertões de Angola: Moxixo, Huila, Malanje e, no litoral, Bengo. Praia de Mossulo, pesqueiro de Canapu, Luanda, Quibala, Benguela, Praia de Corimba, Caombo, Parque Nacional de Quicama, o Bailundo. Em Moçambique: Reserva de Gorongoza, Praia de Corimba, ruas de Malanga, Ambaça, Quicombo. Inhambane, porto de Aruanqua, povoação de Manica e Sofala, a Beira, rio Pungoé no Índico, o Estreito de Moçambique e outros mais.

Em conclusão, diríamos que os movimentos africanos libertadores desde cedo decidiram aceitar a língua portuguesa como idioma oficial para alfabetização, propaganda política, quer escrita, quer através de programas de rádio, e como língua de contacto entre etnias. Contudo o português vem sofrendo substanciais transformações nas suas varias ex-colônias. A etno-linguista Yeda Pessoa de Castro, vem estudando a influência africana no português do Brasil que se faz sentir na língua falada no âmbito sintático, semântico, lexical e prosódico. (In. "O português em contacto com as línguas africanas no Brasil". Inicialmente ela pesquisou a influência do iorubá a partir dos estudos sobre o candomblé de tradição nagô-queto da Bahia. Mais recentemente, suas pesquisas ampliaram-se, ocupando-se da relevante influência do banto na língua portuguesa. O banto oriundo do proto-banto é falado há quatro milênios, dando origem a centenas de línguas.

No Brasil, 4 a 5 milhões de africanos substituíram o trabalho dos indígenas. Bandeirantes e catequistas transmitiam o português, mas os dialetos afro-brasileiros eram falados nas senzalas, nas plantações, quilombos, minas e nas línguas de santo, na Bahia. Duas figuras que exerceram funções na sociedade da época no Brasil-colônia, interligando esses dois universos, foram a mãe-preta no âmbito da família colonial e a do negro ladino, bilíngue, muito útil nas negociações.

Luanda Beira Bahia apresenta-se como farto material para inúmeras outras análises. Conforme afirma o Prof. Celso Cunha (CUNHA, 1979): “O estudo científico de uma língua é fundamentalmente o estudo da cultura”. De fato, através das inserções linguísticas em *Luanda Beira Bahia* pode-se constatar a existência de uma sólida ponte entre língua e Cultura. Com efeito, este romance, estabelecendo relações entre as sociedades e etnias já se move para o campo de uma incipiente universalidade na construção de uma literatura afro-brasileira. Adonias Filho consagrado romancista brasileiro, mantendo a estrutura e norma padrão da língua portuguesa, prestigiou o falar africano local de Angola e Moçambique, além de veicular a existência desses vocábulos, muitos ainda até o presente momento desconhecidos nos dicionários de língua portuguesa.

Finalmente, concluindo, diria que, por essas razões, a nosso ver, a experiência inovadora de Adonias Filho, ao introduzir vocábulos banto, em seu romance, vai além de simples procedimento retórico, sendo, realmente, fruto de seu posicionamento sobre o papel do romance, papel esse, tão bem definido pelo autor, na seguinte afirmação:

No futuro, quando todas as paixões contemporâneas estiverem mortas, dificilmente será feito o processo de nosso tempo sem que se reveja o testemunho do romance e, inclusive, do romance brasileiro. A sua impossibilidade de crise, _ a tão apregoada crise do romance _ resulta mesmo dessa capacidade em absorver o mundo e a vida ao se referir a todos os problemas da criatura e da condição humana. Queiramos ou não, e mesmo quando o apregoamos em inquirição psicológica ou intimista, é fatal a penetração documentária. (ADONIAS FILHO, 1976).

Referências

ADONIAS FILHO. **Luanda Beira Bahia**. 15 ed. Rio de Janeiro: Beryrand Brasil, 1997.

_____. **Última Hora**, 25 de outubro de 1976.

CUNHA, Celso. **Política e cultura do idioma**. Rio de Janeiro: Associação de Ensino Superior São Judas Tadeu, 1979.

CUNHA, Ovídio Gouveia. **Fundamentos geopolíticos da Comunidade Lusíada**. Discurso no dia 22 de março de 1967 no Real Gabinete Português de Leitura, em sessão comemorativa do dia da solidariedade a Angola, organizada pelo Centro dos Portugueses do Ultramar.

FREYRE, Gilberto. **Uma política transnacional da cultura para o Brasil de hoje**. Conferência, 1959.

PAULA, Eurípedes Simões de. II Congresso das comunidades de cultura portuguesa. (Moçambique, 14-21 de julho de 1967). In. PÓLVORA, Hélio. Crônicas de amizade. Adonias Filho: solidão e morte. **A Tarde**. Salvador: 4 ago.1990. Caderno 2. p. 1.

SÃO VICENTE. **Angola**. Luanda: União dos Escritores Angolanos, s/d.